

ANÁLISE DE POLÍTICA EXTERNA: FERRAMENTAS DIDÁTICAS E EXEMPLOS HISTÓRICOS

Renato Victor Lira-Brito & Estevão Luiz de Lacerda Vidal Albuquerque Melo***

Resumo: Neste trabalho, resenhamos a obra “Foreign Policy Analysis: a Toolbox”, um livro-texto de autoria dos professores de Ciência Política Jean-Frederic Morin e Jonathan Paquin. O livro, que faz uma apresentação sobre o campo de Análise de Política Externa, foi pensado como uma caixa de ferramentas, de onde pesquisadores e estudantes podem tirar referências, ideias e conceitos que irão auxiliá-los em suas pesquisas. O trabalho se divide em dez capítulos, e nele são apresentadas uma série de teorias de política externa que lidam com tomadores de decisão, atores burocráticos, instituições políticas, atores sociais, a racionalidade, a cultura, e a estrutura do sistema internacional. Notamos a falta de um detalhamento maior sobre determinadas teorias e teóricos, que poderiam ter sido contextualizados de uma forma melhor, assim como de discussões mais aprofundadas sobre estudos de caso - algo que poderia ter sido melhor explorado, uma vez que o campo de análise de política externa contém diversos desses estudos. Não obstante, acreditamos que os autores tiveram sucesso em apresentar uma grande variedade de teorias e abordagens - na realidade, bem mais do que normalmente se esperaria em livros didáticos introdutórios. Isso permite que os estudantes de Relações Internacionais e Política Externa estendam a sua visão acerca de como esse campo é estudado cientificamente. Acreditamos que esse livro-texto é um ótimo auxílio didático ou mesmo um livro base para disciplinas de análise de política externa em cursos de Ciência Política ou Relações Internacionais.

Palavras-chave: Análise de Política Externa; Teoria Política Externa; Ciência Política; Relações Internacionais; Resenha.

FOREIGN POLICY ANALYSIS: TEACHING TOOLS AND HISTORICAL EXAMPLES

Abstract: In this paper, we reviewed the book “Foreign Policy Analysis: a Toolbox”, authored by the political science professors Jean-Frederic Morin and Jonathan Paquin. This work, which introduces students to the field of Foreign Policy Analysis, was thought as a “toolbox” from which students and researchers may take references, ideas, and concepts that will aid them in their research. The book contains ten chapters, and it presents a series of theories concerning decision-makers, bureaucratic actors, political institutions, social actors, rationality, culture, and the structure of the international system. We noticed the lack of detailing in regard to specific foreign policy theories and authors - which could have been contextualized in a better way -, as well as deeper discussions about case studies - which could have been better explored,

* Doutorando, Mestre e Bacharel em Ciência Política pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Brasil. Especialista em Ciência de Dados, em Docência no Ensino Superior e MBA em Gestão Pública. Editor Executivo da Revista Política Hoje. Atualmente, realiza período sanduíche e ministra o Curso de Desenho de Pesquisa e Escrita Profissional em Ciência Política na Universidade Federal de Campina Grande. Foi Estagiário-Docente em Política Externa I e Política Externa II - DCP/UFPE. Foi Pesquisador do Pró-Defesa IV. Integra a organização do Congresso Nacional de Relações Internacionais. É membro do GT de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas em Pernambuco, vinculado ao Tribunal Regional do Trabalho da 6ª Região. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6012-8469>. Contato: renatovictor2006@hotmail.com.

** Bacharelado em Ciência Política com Ênfase em Relações Internacionais da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0068-6279>. Contato: estevao.melo@ufpe.br.

as the field of foreign policy analysis contains many of such studies. Nevertheless, we believe the authors were successful in presenting a wide variety of theories and approaches - in fact, more theories we present than one would expect from an introductory textbook. This allows students of International Relations and Foreign Policy to extend their view concerning how this field is scientifically studied. We believe this textbook is a valuable teaching aid or coursebook for foreign policy analysis classes in Political Science or International Relations programs.

Keywords: Foreign Policy Analysis; Foreign Policy Theory; Political Science; International Relations; Review.

ANÁLISIS DE POLÍTICA EXTERIOR: HERRAMIENTAS DIDÁCTICAS Y EJEMPLOS HISTÓRICOS

Resumen: En este trabajo, revisamos la obra “Foreign Policy Analysis: a Toolbox”, un libro de texto escrito por los profesores de Ciencias Políticas Jean-Frederic Morin y Jonathan Paquin. El libro, que hace una presentación sobre el campo del Análisis de Política Exterior, fue diseñado como una “caja de herramientas” de la cual investigadores y estudiantes pueden extraer referencias, ideas y conceptos que les ayudarán en sus investigaciones. La obra está dividida en diez capítulos y presenta una serie de teorías de política exterior que abordan los tomadores de decisiones, los actores burocráticos, las instituciones políticas, los actores sociales, la racionalidad, la cultura y la estructura del sistema internacional. Notamos la falta de mayores detalles sobre ciertas teorías y teóricos, que podrían haberse contextualizado mejor, así como discusiones más profundas sobre estudios de casos, algo que podría haberse explorado mejor, ya que el campo del análisis de política extranjera contiene varios estudios de este tipo. Sin embargo, creemos que los autores han logrado presentar una amplia variedad de teorías y enfoques; de hecho, mucho más de lo que normalmente se esperaría en los libros de texto introductorios. Esto permite a los estudiantes de Relaciones Internacionales y Política Exterior ampliar su visión sobre cómo se estudia científicamente este campo. Creemos que este libro de texto es una gran ayuda para la enseñanza o incluso un libro base para cursos de análisis de política exterior en cursos de Ciencia Política o Relaciones Internacionales.

Palabras-clave: Análisis de política exterior; Teoría de la política exterior; Ciencia Política; Relaciones Internacionales; Reseña.

A obra “Foreign Policy Analysis: a Toolbox” é um livro-texto de autoria dos professores de Ciência Política Jean-Frederick Morin e Jonathan Paquin, da Université Laval, em Québec. Nele, os autores fazem uma apresentação sobre o campo de Análise de Política Externa (Foreign Policy Analysis, FPA), assim como sobre a enorme variedade de teorias utilizadas nele. O livro foi pensado como uma “caixa de ferramentas” de onde pesquisadores e estudantes podem tirar referências, ideias e conceitos que irão auxiliá-los em suas pesquisas. A obra “propõe um panorama de diferentes abordagens... [e] convida os leitores a adotarem

diferentes abordagens teóricas e metodológicas”¹. Acreditamos que os autores tiveram sucesso em apresentar uma grande variedade de teorias e abordagens, permitindo com que os estudantes de Relações Internacionais e Política Externa estendam a sua visão acerca de como esse campo é estudado cientificamente.

A obra se divide em 10 capítulos. Nos dois primeiros, os autores fazem uma apresentação sobre a área, com uma definição do conceito. Os capítulos 3 e 4 apresentam, respectivamente, teorias sobre tomadores de decisão e atores burocráticos. Na sequência, são explanadas teorias que consideram instituições políticas, atores sociais, e a racionalidade dos mesmos, nos capítulos 5, 6 e 7. Por fim, os autores abordam teorias sobre cultura e Política Externa (capítulo 7), seguidas por uma discussão sobre a estrutura internacional (capítulo 9) e por um levantamento acerca dos principais desafios atuais do campo da FPA (capítulo 10).

No primeiro capítulo, é feita uma introdução ao campo de estudos denominado de Política Externa. A maior parte da pesquisa nesse campo procura explicar como uma ou mais autoridades públicas adotam certa política externa em determinadas situações. Os autores definem a política externa como “um conjunto de ações ou de regras que governam as ações de uma autoridade política independente que atua no ambiente internacional”². O que diferencia o estudo de política externa do campo de políticas públicas é que o primeiro precisa levar em consideração o sistema internacional. Toda a ação de uma autoridade política soberana em um contexto que está além das fronteiras de um Estado pode ser considerada como um componente de uma política externa.

O campo da Política Externa é marcado pela interdisciplinaridade, e não se encontra dividido por paradigmas. A busca por teorias altamente generalizáveis foi abandonada em favor da construção de teorias de médio alcance, voltadas aos níveis individual e nacional de análise. O campo se caracteriza pela multicausalidade, multidisciplinaridade, e análise em múltiplos níveis. Apesar do campo ter sido negligenciado nos anos 1980, com a queda da União Soviética, foi demonstrada a falha das teorias estruturais que não levavam em conta a dinâmica doméstica dos Estados. A partir dos anos 2000, a análise de política externa teve o seu retorno acadêmico, pois as suas características, descritas acima, tornaram o campo promissor novamente.

Acreditamos que a discussão apresentada no capítulo 1 foi uma escolha precisa por parte dos autores. Outros livros-texto sobre análise de política externa, como por exemplo a

¹ MORIN, Jean-Frédéric; PAQUIN, Jonathan. *Foreign policy analysis: A toolbox*. Gewerbestrasse: Springer, 2018, p. 11.

² *Ibidem*, p. 3.

obra de Laura Neack³, costumam apenas apresentar uma lista de definições sobre o que é a política externa, com base em diversos autores. Na nossa visão, embora seja necessário mostrar a amplitude de conceituações acerca da definição do campo na própria literatura de Política Externa, é importante apresentar aos alunos uma definição mais precisa. Afinal, estamos lidando com um livro didático, cujo objetivo principal deve ser facilitar o aprendizado. A definição de política externa dada pelos autores é de fácil apreensão e ao mesmo tempo ampla o suficiente para se aplicar a uma variedade de políticas.

No segundo capítulo, os autores identificam uma forma de identificar e avaliar uma política externa. A comparação entre diferentes Estados, períodos históricos ou campos é tida como essencial para se identificar características, fazer generalizações, e observar padrões de continuidade e mudança. Tais comparações precisam de pontos de referência para que variações possam ser identificadas. Os autores focam em examinar cinco pontos que são a base da abordagem comparativa: os objetivos, os recursos mobilizados, os instrumentos, os processos e os resultados.

Iniciando a discussão acerca dos objetivos, é apresentado que os líderes políticos buscam diferentes objetivos, e existem dois métodos para se compreender os objetivos destes líderes: considerar as metas declaradas por eles ou deduzir os objetivos a partir de suas ações. O objetivo de uma política externa claramente anunciada deve conter quatro elementos: alvo, direção, resultado esperado, e um prazo (para a sua concretização). Todavia, podem existir discrepâncias entre o que um líder político afirma ser o alvo de uma política e o seu verdadeiro objetivo. Isso pode acontecer por três motivos: 1) para preservar sua reputação e legitimidade no cenário internacional, os verdadeiros objetivos de uma política podem ser escondidos; 2) a abrangência do objetivo pode ser reduzida no intuito de se aumentar a chance de sucesso de uma determinada política, e assim adquirir ganhos políticos no cenário doméstico; 3) porque políticos geralmente procuram esquivar-se da questão de comunicar objetivos (por exemplo, o objetivo declarado de uma intervenção militar pode ser o de se proteger os direitos humanos de algum povo, mas na realidade o objetivo desta política é demonstrar poderio militar).

Outra forma de se identificar os objetivos para a política externa de um governo é procurar sua doutrina: o conjunto de crenças, regras e princípios que vão guiar uma política externa. Dessa forma, nós podemos compreender os interesses de um estado e tentar prever o seu comportamento. Além do mais, doutrinas oferecem um ponto de referência para se julgar o sucesso ou fracasso de uma política. Todavia, doutrinas tendem a criar distorções entre os

³ NEACK, Laura. *Studying Foreign Policy Comparatively: Cases and Analysis*. 4. ed. Maryland: Rowman & Littlefield, 2018, p. 7-8.

sistemas de crenças de um governo e as decisões tomadas pelo mesmo, algo que pode enganar analistas. Por fim, vale frisar que os objetivos de uma política podem ser deduzidos a partir dos resultados da mesma, e normalmente, uma combinação de objetivos é encontrada em uma política externa feita em uma sociedade pluralista.

O segundo ponto abordado pelos autores no capítulo é o de recursos mobilizados. Recursos dizem respeito ao capital ou prestígio que um Estado pode mobilizar para uma política externa. Devido ao fato de uma política externa fazer em um contexto particular, que determina a pertinência dos recursos mobilizados, esses recursos não podem ser alocados de forma indiferente para todas as áreas da política externa. Além do mais, ter recursos não significa ter a capacidade de mobilizá-los: o *trade-off* entre controle, autonomia e legitimidade das ações de um Estado afetam a alocação e capacidade de mobilização de recursos.

O terceiro ponto abordado no capítulo 2 são os instrumentos da política externa. Esses podem ser divididos em três: a socialização - definida como a transferência de crenças, valores, e ideias de um ator para o outro; a coerção - que tem como objetivo influenciar como um Estado se comporta através da modificação da forma pela qual os seus interesses são calculados; e a intervenção - uma incursão nos assuntos domésticos de um Estado no intuito de se modificar suas estruturas internas, podendo tomar a forma de intervenções políticas ou militares, embora não envolvam uma declaração de guerra.

Intencionando o desfecho do capítulo 2, eles descrevem o processo de formulação da política externa e tratam da avaliação dos resultados de políticas. De acordo com os autores, o processo de formulação de política externa envolve 6 passos: 1) o *framing* (modelagem ou enquadramento) de um problema de política externa; 2) a *agenda-setting*, ou seja, a inserção de um problema na agenda dos *policy-makers*, 3) o exame das diferentes opções políticas, 4) a tomada de decisão, 5) a interpretação, implementação e ajuste contínuo desta política pela administração pública, e por fim 6) a avaliação de uma política. No que diz respeito ao último passo – a avaliação –, os autores afirmam que os resultados de uma política são de difícil avaliação devido a problemas de identificação de resultados, à sua multicausalidade, e às tensões entre objetivos de curto e longo prazo.

Novamente, consideramos a discussão apresentada como de grande proveito, uma vez que os autores se empenham em apresentar aos leitores uma forma de se identificar uma política externa, tornando um conceito relativamente abstrato em algo mais palpável, algo que torna a leitura mais atrativa, principalmente para novos alunos de Relações Internacionais (que devem ser o público-alvo do texto, já que se trata de um livro didático), em especial na seção acerca dos instrumentos de política externa. Os autores apontam e discorrem sobre uma série de

instrumentos dos Estados para a consecução de sua política externa, como a comunicação, a barganha, a dissuasão e a intervenção militar. Dessa forma, podemos visualizar uma série de ações possíveis aos Estados no cenário internacional.

No capítulo 3, os autores discutem teorias sobre o impacto das emoções, da cognição, e da percepção no processo de tomada de decisão de uma política externa. As emoções geradas pelas percepções de um líder têm um efeito distinto na percepção, cognição e memória do mesmo. Uma maneira de se observar o impacto das emoções é através da análise de dimensões afetivas particulares de líderes políticos. Essas dimensões podem ser combinadas para produzir tipologias. Os autores chegam a mencionar a obra de Margaret Herman⁴ na qual a pesquisadora desenvolveu uma tipologia complexa e um método que facilita a teorização. Sua tipologia combina sete traços de personalidade: o nível de complexidade cognitiva, a sede de poder, a desconfiança em relação aos outros, a autoconfiança, o nacionalismo, as fontes de motivação, e a crença na capacidade de se controlar eventos.

Na sequência, os autores discorrem sobre a cognição, apresentando um conjunto de teorias e abordagens que lidam com o tema, como a teoria da coerência cognitiva; o *operational code*; o estudo de atalhos cognitivos; a técnica de *cognitive mapping*; o estudo da complexidade cognitiva de um líder e a *schema theory*. Por fim, é apresentado o papel da percepção (e do erro de percepção) para a política externa, onde os autores mencionam o livro seminal de Robert Jervis, *Perception and Misperception in International Politics*, onde a psicologia cognitiva é aplicada à política externa, sendo utilizado pelo autor para descrever os processos de percepção de líderes políticos, assim como alguns erros comuns de percepção.⁵ É louvável a amplitude de teorias e obras citadas nesse capítulo. Além disso, a obra cita, no total, 174 trabalhos.

Em seguida, no quarto capítulo, é apresentado o papel da burocracia e o impacto do estilo de gestão de uma líder sobre a política externa. O processo de tomada de decisão de uma política externa varia de acordo com o estilo de gestão de um líder, que pode ser decomposto em quatro variáveis: o alcance do círculo de conselheiros que são consultados antes que se tome uma decisão; a *framework* de interação do grupo; o grau de centralização do processo de tomada de decisão; e as *interpersonal skills* do líder. Como o processo de tomada de decisão geralmente é feito em pequenos grupos, ele pode se tornar vítima do *groupthink*: uma síndrome que ocorre quando os membros de um grupo se tornam tão obcecados com a própria coesão do grupo que

⁴ HERMANN, Margaret G. Explaining Foreign Policy Behavior Using Personal Characteristics of Political Leaders. *International Studies Quarterly*, v. 24, n. 1, 1980, p. 7-46.

⁵ JERVIS, R. *Perception and Misperception in International Politics*. Princeton: Princeton University Press, 1976.

acabam excluindo opiniões diferentes, diminuindo, assim, a capacidade do grupo de analisar eventos.

Em seguida, é apresentado o modelo organizacional, desenvolvido por Graham Allison em seu artigo seminal *Conceptual Models and the Cuban Missile Crisis*⁶, que apresenta a política externa como um produto de um mecanismo organizacional. Nela, as burocracias adotam duas estratégias para cumprir com seus objetivos: a descentralização e a adoção de códigos operacionais padrão. Os autores também expõem o modelo de política burocrática, que conceitua o aparato governamental como uma estrutura descentralizada e pluralista onde o resultado da interação entre agentes afeta uma política externa. Esse resultado é determinado por diversos fatores, como os canais de ação dos agentes, a distribuição de recursos, a qualidade da argumentação, o orçamento, o nível de expertise, o apoio social, e as alianças governamentais, por exemplo.

No capítulo 5, a discussão passa a tratar da relação entre a política externa e as instituições políticas. A política externa é apresentada como desenvolvida dentro de uma estrutura institucional, que molda as preferências e o comportamento dos atores. Os autores vão focar em cinco instituições: sistema de governo e sistema eleitoral, organização do Estado, regime político, e regime econômico.

No que diz respeito ao sistema de governo, uma distinção fundamental pode ser feita entre regimes presidencialistas e parlamentaristas: nos presidencialistas, a política externa é entregue ao presidente, embora o mesmo não possa ignorar o poder exercido pelo legislativo, enquanto nos parlamentaristas, o “chefe do executivo” é escolhido pelo próprio parlamento e geralmente controla uma maioria, o que lhe dá grande autonomia em sua política externa. Além do mais, a orientação ideológica de um partido governante auxilia na explicação da implementação de certas políticas externas. Governos de esquerda e de direita variam em questões de gasto militar, auxílio de desenvolvimento, e política comercial.

Outra questão institucional tratada nesse capítulo é a tese da paz democrática, termo que se refere à observação de que democracias geralmente não entram em guerra com outras democracias. O maior problema dessa tese é a grande incerteza acerca da relação causal entre democracia e paz. Diversos argumentos e explicações existem. São apresentadas, por exemplo, os seguintes: como o interesse do Estado democrático é o mesmo que o dos cidadãos, e como os cidadãos têm aversão à guerra, uma democracia seria mais pacífica; existiriam normas

⁶ ALLISON, G. T. *Conceptual Models and the Cuban Missile Crisis*. *American Political Science Review*, v. 63, n. 3, p. 87-718, 1969.

sociais que proibem guerras entre democracias; ou uma possível identidade coletiva entre democracias inibiria a guerra.

Um dos pontos fortes dessa seção da obra é a escolha dos autores de aprofundar a questão da paz democrática, apresentando de forma pormenorizada os argumentos e, posteriormente, as críticas a essa tese – algo que não é feito em outras obras, como, por exemplo, a de Neack⁷. A discussão é posteriormente reforçada com a última seção do capítulo, que trata do liberalismo econômico e a suposta relação entre o comércio internacional e a paz, na qual os autores mostram os resultados contraditórios encontrados em estudos que procuraram testar essa relação.

No capítulo 6, os autores tratam da influência de atores sociais, opinião pública, e mídia sobre a política externa. A discussão é iniciada com o chamado “Almond-Lipmann *consensus*”, a tese de que a opinião pública é volátil e inconstante. Os autores apontam, todavia, para uma grande série de estudos mais recentes que mostram a opinião pública como mais racional e constante, dos quais podemos destacar os estudos de Page e Shapiro⁸ e o de McLean e Roblyer⁹. Os analistas estruturam a opinião pública de acordo com um eixo dividido entre direita e esquerda no que diz respeito a questões de política social e econômica, e os estudos sobre o tema utilizam variáveis culturais ou psicológicas, ou ainda adotam uma abordagem racionalista. Hoje, já não se tem dúvida a respeito sobre a influência da opinião pública sobre a política externa. Como os autores argumentam, de forma geral, a opinião pública raramente leva líderes a adotarem políticas específicas, mas na realidade definem os parâmetros dentro dos quais um conjunto de políticas é considerada viável.

Em seguida, são discutidas teorias que tratam sobre como e porque líderes políticos tentam direcionar a opinião pública. Os autores tratam do fenômeno de *rally around the flag* – quando eventos internacionais dramáticos criam um apoio popular a um líder político – e da *diversionary theory of war*, teoria que relaciona a instabilidade política doméstica à instabilidade internacional. Por fim, são discutidos a influência da mídia – que tem a capacidade de escolher o ângulo sob o qual eventos são apresentados ao público –, dos grupos de interesse, e de especialistas, como *think tanks* e comunidades epistêmicas.

⁷ NEACK, *Studying Foreign Policy Comparatively*, cit., p. 93-94.

⁸ PAGE, B. SHAPIRO, R. Effects of Public Opinion on Policy. *American Political Science Review*, v. 77, n. 1, p. 175-190, 1983.

⁹ MCLEAN, E. V. ROBLYER, D. A. Public Support for Economic Sanctions: An Experimental Analysis. *Foreign Policy Analysis*, v. 13, n. 1, p. 233-254, 2017.

Em seguida, eles abordam uma série de teorias que lidam com o conceito de racionalidade e exemplificam o seu uso para a Análise de Política Externa. Eles analisam as perspectivas da Escolha Racional, a teoria dos jogos, a teoria cibernética, o jogo de dois níveis, a *prospect theory*, e a *poliheuristic theory*.

A teoria de escolha racional considera que o comportamento dos atores racionais - como, por exemplo, formuladores de política externa - é baseada numa análise comparada voltada para a determinação de custos e benefícios de diferentes cursos de ação, para que assim alcancem os seus objetivos. A disponibilidade de opções para política externa varia de acordo com condições humanas, materiais e financeiras. Uma das principais vantagens dessa teoria é o fato dela ser capaz de providenciar uma base para se modelar o comportamento. Na sequência, os atores tratam da teoria dos jogos, e mostram diversos cenários, ou jogos, possíveis: a harmonia, *battle of the sexes*, *prisoner's dilemma*, *stag hunt* e por fim o *game of chicken*. Logo depois é apresentada a *cybernetic theory*, que afirma que os atores políticos (ou, de forma geral, os indivíduos) lidam com a complexidade alta do mundo real através da escolha da primeira opção satisfatória, dadas as limitadas capacidades humanas. Esse fato foi chamado de *bounded rationality*. Por fim, os autores abordam a teoria do jogo de dois níveis, que estuda a interação entre os cenários doméstico e internacional; a *prospect theory*, que tem o seu enfoque na característica psicológica de aversão a perdas; e a *poliheuristic theory*, que sugere que atores racionais utilizam atalhos cognitivos e recorrem a diferentes processos para tomar uma decisão de política externa.

No capítulo subsequente, o oitavo, eles apresentam o tema da cultura na política externa, e examinam uma ampla variedade de abordagens que procuram elucidar os impactos de normas, identidades, e regras na formulação da política externa. Teoricamente, dois debates relacionam normas à política externa: o primeiro deles vê Estados como os alvos das normas e o segundo apresenta o Estado como o ator que dissemina as normas. Indo além do debate sobre normas, existe o tema da identidade nacional, a imagem socialmente construída que uma comunidade política tem sobre ela mesma. Nesse sentido, uma política externa pode ajudar a definir uma identidade nacional e evitar uma crise de identidade, pois é capaz de prover uma resposta a demandas sociais por uma identidade coletiva e também ajuda a manter o grau de coesão social.

Em seguida, os autores tratam do conceito de papel nacional, definido como o conjunto de expectativas compartilhadas em relação a como um Estado deve se comportar em função de sua posição no cenário internacional. O padrão de concepções sobre papéis para qualquer Estado é um indicador razoável e um possível preditor de seu comportamento diplomático.

Logo em seguida, é discutida a relação do gênero – que constitui tanto uma identidade como um papel social – com a política externa; a função das culturas organizacionais e estratégicas, cuja principal contribuição para a literatura se dá através de uma crítica à teoria de escolha racional, argumentando que os Estados são atores históricos e que determinantes culturais dão significado à variáveis materiais e objetivas que influenciam uma política externa; e, concluindo o capítulo, os autores tratam do tema da análise de discursos, que, ao atribuir um significado a uma política externa e colocar esse significado em um contexto mais amplo, assim se define um *framework* para as possibilidades de pensamento e ação em relação a esta política.

No penúltimo capítulo de sua obra, os autores trazem teorias sobre a relação entre a estrutura internacional e a política externa. As teorias apresentadas são o neorealismo de Waltz¹⁰, o sistema-mundo de Wallerstein¹¹, e a sociedade internacional¹². Eles então examinam sua aplicabilidade destas teorias para a política externa, salientando a necessidade de se estabelecer claramente uma conexão entre as causas sistêmicas e o comportamento dos Estados. Concluem apresentando uma teoria que procura reconciliar o agente e a estrutura internacional – o realismo neoclássico –, que parte da perspectiva da estrutura, e a tradição das “relações internacionais comportamentais” (*behavioral IR*), que parte da perspectiva do agente.

Concluindo a sua obra, eles apresentam os atuais desafios para o campo da análise de política externa. São eles: estabelecer *links* entre diferentes modelos teóricos; salientar a comparação entre diferentes contextos nacionais; estender a pesquisa a novos atores; e, por fim, desenvolver um diálogo com os praticantes da política externa.

Acreditamos que a obra “Foreign policy analysis: a Toolbox” cumpriu muito bem com o seu objetivo de apresentar uma série de teorias de análise de política externa para pesquisadores e estudantes. Uma notável quantidade de teorias foi na pesquisa, bem mais do que normalmente se esperaria em livros didáticos introdutórios. Um aspecto de grande proveito da redação dos autores é o fato deles terem optado por referenciar, ao longo do texto, toda a sua exposição. Isso permite que alunos possam assim saber exatamente de onde surgiram determinados argumentos e ideais, e que, em um momento futuro, possam aprofundar os seus estudos lendo diretamente as fontes ou utilizando-as para realizar pesquisa ou escrever um trabalho acadêmico ou universitário. Devemos notar que não são todos os livros didáticos que optam por fazer citações ao longo do texto - como exemplo, o livro de introdução à ciência

¹⁰ WALTZ, K. *Man, State, and War*. New York: Columbia University Press, 1959. WALTZ, K. *Theory of International Politics*. New York: McGraw-Hill, 1979.

¹¹ WALLERSTEIN, I. *The Modern World System I: Capitalist Agriculture and the Origins of the European World-Economy in the Sixteenth Century*. New York: Academic Press, 1974.

¹² BULL, H. *The Anarchical Society*. London: Macmillan, 1977, p 1-368.

política *Politics*, de Andrew Heywood¹³. Alunos mais avançados também podem se beneficiar deste livro devido às suas características.

Entretanto, a obra poderia se beneficiar ainda mais se contivesse, ao longo do texto, *boxes* com mais informações sobre determinadas teorias ou teóricos, como Robert Jervis, Margaret Hermann, ou Kenneth Waltz. Esse tipo de informação adicional enriquece a leitura e contextualiza certas discussões teóricas, além de tornar o texto mais dinâmico e interessante. Nesse sentido, será oportuno que os autores incluam ao menos uma exposição breve sobre estudos de caso específicos de política externa, pois o campo contém diversos estudos detalhados. Entrar em contato com esse tipo de pesquisa poderá auxiliar os estudantes a montarem os seus próprios estudos. Não obstante, consideramos a obra um ótimo auxílio didático ou mesmo um livro base para disciplinas de análise de política externa em cursos de Ciência Política ou Relações Internacionais.

¹³ HEYWOOD, Andrew. *Politics*. 5 ed. London: Red Globe Press, 2019, p. 1-502.

Referências Bibliográficas

- ALLISON, G. T. Conceptual Models and the Cuban Missile Crisis. *American Political Science Review*, v. 63, n. 3, p. 87-718, 1969.
- BULL, H. *The Anarchical Society*. London: Macmillan, 1977.
- HERMANN, MARGARET. G. Explaining Foreign Policy Behavior Using Personal Characteristics of Political Leaders. *International Studies Quarterly*, v. 24, n. 1, p. 7-46, 1980.
- HEYWOOD, Andrew. *Politics*, 5 ed. London: Red Globe Press, 2019.
- JERVIS, R. *Perception and Misperception in International Politics*. Princeton: Princeton University Press, 1976.
- MCLEAN, E. V. ROBLYER, D. A. Public Support for Economic Sanctions: An Experimental Analysis. *Foreign Policy Analysis*, v. 13, n. 1, p. 233-254, 2017.
- MORIN, Jean-Frédéric; PAQUIN, Jonathan. *Foreign policy analysis: A toolbox*. Gewerbestrasse: Springer, 2018.
- NEACK, Laura. *Studying Foreign Policy Comparatively: Cases and Analysis*. 4. ed. Maryland: Rowman & Littlefield, 2018.
- PAGE, B. SHAPIRO, R. Effects of Public Opinion on Policy. *American Political Science Review*, v. 77, n. 1, p. 175-190, 1983.
- WALLERSTEIN, I. *The Modern World System I: Capitalist Agriculture and the Origins of the European World-Economy in the Sixteenth Century*. New York: Academic Press, 1974.
- WALTZ, K. *Man, State, and War*. New York: Columbia University Press, 1959.
- WALTZ, K. *Theory of International Politics*. New York: McGraw-Hill, 1979.

Como citar esta resenha: LIRA-BRITO, Renato Victor; MELO, Estevão Luiz de Lacerda Vidal Albuquerque. Análise de Política Externa: ferramentas didáticas e exemplos históricos. *Revista de Ciências do Estado*, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, p. 1–13, 2023.

Recebido em 24.01.2023

Publicado em 27.10.2023